

“AS CRIANÇAS NÃO PODEM SABER DE NADA”: CRIANÇAS PERIFÉRICAS E O CONSUMO DE NOTÍCIAS¹

Andressa Sales²

Juliana Doretto³

Resumo

Com base em entrevistas realizadas com meninos e meninas de menor rendimento e com faixa etária entre 10 e 12 anos, moradoras do bairro periférico, Jardim Orion, zona sul de São Paulo, este trabalho buscou compreender como se dá o consumo de notícias jornalísticas feito por elas, sobretudo na Internet e meios digitais. Entendemos que, assim como mostram outros trabalhos da área, as crianças têm consciência sobre o que é notícia jornalística e que seu consumo jornalístico é feito primeiramente na televisão, apesar de usarem a rede com frequência. Podemos perceber ainda que o jornalismo sensacionalista está presente da vida das crianças que moram na periferia de forma mais intensa do que nas classes mais altas, e isso tornou-se referência para elas no que diz respeito às notícias.

Palavras-chave: *Recepção; Crianças; Internet; Jornalismo; Periferias.*

INTRODUÇÃO

A Internet é uma das principais plataformas para a disseminação de conteúdo atualmente. Ela tem sido responsável pela propagação de um grande volume de dados que circulam em rede, num movimento que veio para ficar. Em meio a essa quantidade de informações publicadas diariamente, o adulto, responsável por suas escolhas, opta por

¹ Uma primeira versão deste trabalho será apresentada no 8º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo, realizado no Fiam-Faam Centro Universitário, em São Paulo, em 7 de novembro de 2018.

² Estudante de graduação em Jornalismo no Fiam-Faam Centro Universitário. E-mail: andressasales103@gmail.com.

³ Orientadora. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Jornalismo e da graduação em Jornalismo do Fiam-Faam Centro Universitário. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. E-mail: jdoretto@gmail.com.

consumir apenas algumas dessas informações. Mas ele deixa espaço para que as crianças também façam suas escolhas ou eles não permitem que elas busquem o que desejam na internet?

Na sociedade, circula o discurso de senso comum que compreende as crianças como seres ingênuos, vistas como vulneráveis e inocentes, e que não precisam consumir as notícias do mundo, direcionadas principalmente para o público adulto (BUCKINGHAM, 2000, p. 62). No entanto, a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2015, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), cuja finalidade é monitorar os conteúdos acessados na Internet por crianças e jovens de 9 a 17 anos de idade e mapear riscos e oportunidades on-line, identificou que 68% dos usuários de internet nessa faixa etária (que correspondem a mais de 23 milhões) acessaram à Internet mais de uma vez ao dia e que 46% leram notícias online.

Em relação ao acesso à Internet e ao uso das tecnologias por crianças, duas vertentes se contrapõem nos estudos sobre a infância. Uma delas diz que há as crianças “tecnologicamente ricas” e outras “tecnologicamente pobres” (TAPSCOTT, 1998 *apud* BUCKINGHAM, 2000). Isso significa que os meninos e meninas têm acessos diferentes a essas tecnologias, o que agrava as desigualdades sociais. Ao mesmo tempo, segundo o autor, a tecnologia contribuiu para que as crianças “ricas” se tornassem seres mais proativos, mais inteligentes. Prensky (2001, p. 41), outro autor que segue nessa linha, diz que as crianças de hoje têm “qualidades e aptidões diferentes” das meninas e meninos do passado, por terem nascido com a internet: seriam mais espertas, mais atentas. Ele as batiza de “nativos digitais”.

No entanto, na outra corrente, Livingstone (2009 *apud* DORETTO, 2015) lembra que, embora as crianças de hoje convivam com a Internet desde o seu nascimento, elas ainda possuem dificuldades com o uso das tecnologias. Ela diz também que a criança está no mundo conectado, como todos nós, vivendo no mesmo contexto social, cultural e político que os adultos. Desse modo, para a autora, a chegada da Internet apresenta riscos às crianças, mas também proporciona oportunidades de aprendizagem e de diversão, visão com a qual nos alinhamos. No entanto, é importante ressaltar também que, no Brasil, o acesso à Internet e aos meios tecnológicos digitais não ocorre de forma homogênea, por conta das desigualdades sociais (CETIC.BR, 2015).

Neste artigo, temos como objetivo principal entender como as crianças de classes de menor rendimento refletem sobre assuntos da atualidade através de conteúdo

jornalístico disponível nos meios de comunicação, sobretudo on-line. Para isso, procuramos entender de que forma essas crianças, que talvez não sejam “tecnologicamente ricas”, têm (ou não) acesso às plataformas digitais compreender o que elas procuram na internet; e saber quais os tipos de notícias consumidos por elas. Além disso, o trabalho realizado procurou entender se os entrevistados se sentem representados nas notícias sobre seu bairro, veiculadas na mídia. Para isso, investigamos o que foi estudado sobre o tema em nosso país, como veremos a seguir.

AS CRIANÇAS E AS NOTÍCIAS

Há poucas pesquisas sobre o consumo de notícias por crianças na área da comunicação, no Brasil. Temos, como exemplo, Doretto (2015), que falou sobre o jornalismo infantil e a participação das crianças, em Portugal e Brasil, a partir das novas possibilidades que as crianças têm para participarem do jornalismo feito para elas, através dos meios digitais. O trabalho mostrou que as crianças entrevistadas, que tinham de 9 a 16 anos e eram sobretudo de classe média, querem entender melhor o que se passa em seu país e em sua cidade, mas pensam que o jornalismo contemporâneo tem uma linguagem entediante e aborda temas violentos em excesso. As mais novas, que usam menos as tecnologias digitais, se informam sobretudo pela televisão, enquanto as mais velhas e os adolescentes usam mais a internet para seu consumo noticioso, que aliás nem sempre se concentra em fontes jornalísticas tradicionais, mas envolve canais do YouTube e páginas sobre curiosidades no Facebook.

Fischberg (2007), em sua dissertação de mestrado, realizou um estudo em duas escolas diferentes no Rio de Janeiro. A pesquisa de campo teve duração de três meses e contou com a participação de 59 crianças de aproximadamente 11 anos de idade. A investigação ocorreu em uma escola particular na Barra da Tijuca e em um colégio público no Leblon, ambos bairros nobres. O objetivo da pesquisadora era entender como essas crianças de realidades diferentes se relacionavam com as notícias em jornais e revistas voltados principalmente para o público infantil.

Os veículos escolhidos para a realização do estudo foram a revista *Recreio* e o suplemento *Globinho*. Assim, a pesquisadora pôde perceber que as crianças se interessam também por notícias do “mundo adulto”, como fofocas, moda, música e esporte, e não apenas notícias para o público infantil.

Fischberg percebeu também que as crianças têm conhecimento das notícias, até mesmo as da mídia impressa; no entanto, o jornal não é o favorito delas, embora reconheçam sua importância. Para elas, um dos motivos que tornam o jornal “chato” é que há muita violência reportada, embora discutam com os colegas casos que tenham visto. A revista é a favorita, pois “elas apresentam algo que as crianças não encontram nos jornais: a possibilidade de terem, em um único impresso, informações somente sobre aquilo [de] que gostam” (2007, p. 137).

Delorme (2008) é outra pesquisadora que buscou compreender as preferências de meninos e meninas sobre notícias. A pesquisa de caráter qualitativo foi feita em uma escola municipal na zona oeste do Rio de Janeiro com 20 crianças de sete anos de idade e em processo de alfabetização. A pesquisadora fez uso de observações e entrevistas individuais e coletivas e percebeu que a tevê era bastante presente nas famílias das crianças que participaram da pesquisa. “Retomando a questão dos telejornais e a presença da televisão na vida das famílias dessas crianças, havia em suas casas 34 televisores coloridos, com controle remoto, o que alcança uma média de 1,7 aparelho por criança, embora fossem todos bastante pobres” (DELORME, 2008, p. 212).

A pesquisadora notou que as crianças apresentavam uma “repulsa” pelas notícias, pois meninos e meninas têm uma “expectativa de que a televisão divirta, entretenha, informe e alegre a vida delas, o que torna fácil perceber por que os telejornais e as notícias da televisão não lhes são agradáveis nem divertidos” (DELORME, 2008, p. 212). No entanto, enquanto alguns meninos e meninas acham que no jornal há apenas “notícias tristes e ruins, com som e imagem em movimento” (2008: 217), outras crianças defendem a importância das notícias, pois assim estão mais bem mais informadas. Além disso, a pesquisadora notou que as crianças se sensibilizam quando o assunto é crime, mortes ou acidentes e que elas têm “angústia e medo de imaginarem-se estar sendo enganado[a]s pelas notícias, vindo a questionar sua veracidade (2008, p. 218).

Enquanto Delorme busca compreender a relação das crianças com as notícias, Orofino (2013), através de um estudo feito durante quatro meses com 20 crianças entre 9 a 11 anos de uma comunidade de baixa renda na Barra Funda, em São Paulo, investigou sobre o consumo televisivo. A pesquisadora percebeu que o programa mais conhecido por meninos e meninas do grupo pesquisado era o telejornal policiaisco Cidade Alerta, exibido todas as tardes e com duração de três horas diárias, então apresentado por Marcelo Rezende. O estudo questiona ainda sobre a exposição de crianças à programação televisiva,

principalmente nesse formato, já que o telejornal a todo o momento fala sobre o crime e mortes.

Vemos que, na academia, poucos autores abordaram a temática das crianças e o seu consumo de notícias jornalísticas, e as que encontramos com foco no digital entrevistaram crianças de classe média. Assim, este artigo tem o objetivo de preencher lacuna existente na área, apresentando o ponto de vista de crianças de menor rendimento, moradoras de periferia, com acesso (ou não) à Internet e aos meios digitais e de comunicação, sobre o consumo de notícias jornalísticas, feitas ou não para elas.

METODOLOGIA

Como já citado, para a realização desta investigação utilizamos a pesquisa qualitativa como metodologia, por meio da entrevista. Optamos por essa técnica por entendermos que existe “disponibilidade e motivação da criança para esse tipo de instrumento de coleta, desde que condições favoráveis de interação [entre entrevistador e entrevistado] sejam oferecidas” (CARVALHO et al., 2004, p. 299).

O uso de entrevistas individuais e em profundidade é uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir de buscas de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2006, p. 62). Fizemos entrevistas semiestruturadas, a partir de um questionário. Essa entrevista permite a combinação entre perguntas abertas e fechadas, em que “o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Realizamos seis entrevistas individuais, com crianças de 10 a 12 anos, de ambos os gêneros. As entrevistadas são nossas conhecidas (mas não de nosso círculo próximo) ou nos foram apresentadas por outras pessoas com maior proximidade. As conversas foram realizadas nas casas das crianças, na cidade de São Paulo, com ou sem a presença dos pais e até mesmo na casa da pesquisadora, quando a criança ou os pais optaram por isso. Em ambas as situações, tanto os pais quanto as crianças entrevistadas assinaram um termo de consentimento que informa que suas identidades são preservadas e que, em caso de desistências por parte dos entrevistados, eles não sofreriam nenhum dano.

As conversas foram gravadas (apenas o áudio) e todas tiveram aproximadamente 30 minutos de duração. A partir das transcrições das entrevistas, os dados foram analisados buscando recorrências e categorizações, seguindo as práticas dos estudos de recepção.

Para Soares (2006), as investigações com meninos e meninas devem permitir que elas “tenham oportunidade de serem actores no processo de investigação”, pois as crianças são “ocultas dos métodos tradicionais” nas pesquisas – segundo a autora, a justificativa dos adultos para que isso ocorra seria a proteção dos meninos e meninas.

Assim, Soares (2006) ressalta como a questão de poder dos adultos sobre as crianças é, para os pesquisadores da infância, um dos principais “desafios éticos” nas investigações.

Considerar as crianças como actores ou parceiros de investigação e a infância como objecto de investigação por seu próprio direito, encarar e respeitar as crianças como pessoas e abandonar as concepções conservadoras e ancestrais de exercício do poder e tutela do adulto sobre a criança, para que lhe seja restituída a voz e a visibilidade enquanto actores sociais, são atitudes essenciais na construção de uma ética de investigação com crianças, que é afinal mais um processo de construção da cidadania da infância (SOARES, 2006, p. 32).

Carvalho et al. (2004), ao analisar as vantagens e limitações em entrevistar crianças, diz ainda que essa é uma técnica pouco usada, pois as crianças muitas vezes ainda são consideradas como incapazes de falarem sobre suas preferências e pontos de vistas. No entanto, sobre o resultado das entrevistas com crianças, a pesquisadora diz que

A qualidade do dado colhido depende, entre outros fatores, da qualidade da relação entre o entrevistador e o entrevistado; mas sugerem, principalmente, a disponibilidade e motivação da criança para esse tipo de instrumento de coleta, desde que condições favoráveis de interação sejam oferecidas (CARVALHO et al., 2004, p. 199).

Assim, embora o método da entrevista apresente dificuldades ao ser utilizado com as crianças, em nossa pesquisa buscamos mostrar que meninos e meninas são atores sociais com capacidade para falar sobre temas de seus interesses, sobre assuntos que as envolvam e também sobre as notícias da atualidade.

“AS CRIANÇAS NÃO PODEM SABER DE NADA”

Para que pudéssemos identificar se as crianças selecionadas apresentavam as características necessárias para esta investigação, solicitamos aos pais informações tais como profissão e escolaridade. Assim, pudemos perceber que apenas os pais de uma criança entrevistada concluíram o Ensino Médio, enquanto os pais de duas crianças concluíram apenas o Ensino Fundamental I, e os pais de três crianças não concluíram o Ensino Fundamental II e/ou o Ensino Médio.

Identificamos também que quatro pais de meninos e meninas entrevistados exercem

a função de pedreiro, e um é comerciante. Já em relação às mães das crianças, as profissões exercidas são: uma babá, duas auxiliares de serviços gerais, uma desempregada, uma diarista e uma comerciante. Assim, percebemos que são famílias da classe trabalhadora, com baixa ou média escolaridade, enquadrando-se no perfil desejado.

Um dos objetivos de nossa investigação foi perceber como meninos e meninas, moradoras do Jardim Orion, zona de sul de São Paulo, acessam à Internet por meio das plataformas digitais. Podemos identificar que todas as crianças fazem uso diário e frequente da Internet antes ou depois da escola, mas não durante as aulas:

Pesquisadora: Você acessa antes de ir para a escola ou depois?

— Depois.

Pesquisadora: Depois que você chega da escola?

— (Acenou que sim).

(Larissa⁴, 10 anos)

Pesquisadora: E quantas vezes você acessa à Internet por dia?

— Uma ou duas.

Pesquisadora: Acessa antes de ir para a escola ou depois que você volta da escola?

— Depois, porque não tem como, porque eu acordo, me arrumo e não dá tempo de ficar mexendo, aí eu mexo quando eu chego.

(Guilherme, 12 anos)

Entre as crianças entrevistadas quatro possuem celulares próprios para acessar à Internet enquanto as demais utilizam os celulares das mães. Para elas, não há grandes diferenças entre acessar à Internet pelo celular ou pelo o computador ou até mesmo pelo *tablet*; dizem apenas que o celular é mais prático. Apenas uma criança utiliza o computador para realizar pesquisas escolares, pois, segundo ela, é possível enxergar melhor:

Pesquisadora: Você faz pesquisa mais no seu celular ou no computador?

— No computador é melhor para enxergar porque é maior.

(Geórgia, 12 anos)

A Internet é usada principalmente para fazer pesquisas escolares, jogar, ver vídeos de canais de youtubers ou música e usar redes sociais, como Facebook, WhatsApp e Instagram. Entre as seis crianças entrevistadas, apenas três possuem Facebook e fazem uso contínuo da rede social, enquanto as demais crianças não utilizam, embora já tenham tido contas ativas anteriormente na rede social. Entre as principais atividades realizadas por elas estão: procurar amigos, conversar com amigos e familiares, dar *likes* em posts, ver vídeos e

⁴ Os nomes dos entrevistados são fictícios, para preservar suas identidades

ver fotos. No WhatsApp, enviam mensagens para amigos e participam de grupos da escola ou de amigos. As crianças disseram ainda que durante o acesso à Internet os pais perguntam às vezes o que eles estão fazendo ou assistindo:

Pesquisadora: E quando você está mexendo na Internet pelo celular, a sua mãe pergunta o que você está fazendo na Internet ou não pergunta?

— Às vezes sim.

Pesquisadora: E quando ela pergunta o que você responde para ela?

— Eu respondo que estou assistindo uma coisa que não fala palavrão, porque ela não gosta.

(Caio, 12 anos)

Pesquisadora: Quando você procura alguma coisa na Internet nem o seu pai nem a sua mãe querem saber o que você está fazendo? Não perguntam?

— Depende, se eu fizer do lado deles, eles perguntam o que eu estou fazendo.

Pesquisadora: Se você não estiver perto deles, eles não perguntam?

— É.

(Guilherme, 12 anos)

Todas as crianças acessam o YouTube tanto para escutar músicas quanto para assistir aos canais dos youtubers preferidos ou a vídeos engraçados. Entre todas as crianças, apenas a Gabriela, 11, possui um canal; os demais no entanto disseram que gostariam de ter perfis no YouTube, em que fariam sobre o dia a dia, ou como dançar ou até mesmo sobre as atividades que realizam:

— Meu canal do YouTube... Eu achei curioso como as pessoas fazem vídeos, aí eu fui e quis fazer. Tudo o que eu acho diferente de fazer, vamos supor, quando eu comprei meu material de 2018, que foi esse ano, eu quis fazer o vídeo, foi meu primeiro, praticamente o primeiro vídeo que eu postei. Eu fui e fiz e eu fui mais gostando do que eu fazia e agora eu faço praticamente todo final de semana.

(Gabriela, 11 anos)

Sobre o seu consumo de informação jornalística, foi possível compreender bem o que os pequenos chamam de notícia. Em resumo, para eles, notícia é tudo aquilo o que passa na programação dos telejornais durante o dia ou à noite. E, em geral, as crianças assistem ao telejornal sozinhas, antes de começar algum programa de interesse delas, ou na presença dos pais, à noite. Assim, ficou claro que a televisão é o meio mais usado por elas para se informar. A internet, como já mostramos, é usada para entretenimento ou atividades escolares, o que corrobora outros estudos nesse sentido, incluindo os realizados com crianças de outras classes econômicas (CETIC.BR, 2015).

Tanto os meninos quanto as meninas têm ciência sobre a importância de se informar sobre as notícias do Brasil e do mundo: é uma forma de ficarem “cientes” e

permanecerem em “alerta”. No entanto, embora, para elas, o jornal fale sobre “notícias tristes e mortes”, ou repita as mesmas notícias, foi possível perceber que crianças gostam de assistir a notícias que falam de futebol (incluindo meninas), assim como à previsão do tempo, nos telejornais:

Pesquisadora: E passa alguma coisa que passa no jornal que chama a sua atenção e você gosta de ver?

— Só quando é futebol.

Pesquisadora: E você gosta bastante de notícias que tenham a ver com futebol?

— Sim.

Pesquisadora: Você viu alguma notícia recentemente sobre a Copa? Tem visto alguma coisa?

— Sim.

(Geórgia, 12 anos)

— Eu via quando passava no Jornal Nacional. Sempre fala sobre o tempo, e eu acho interesse porque pode falar que um dia vai estar frio, para se agasalhar, um dia está calor, e outro dia vai chover, para a gente andar já preparado.

(Gabriela, 11 anos)

As crianças disseram que em alguns momentos comentam com os seus pais sobre as notícias que veem na televisão, mas que o processo inverso não acontece, ou seja, os pais dificilmente comentam com os filhos sobre o que veem nos telejornais:

Pesquisadora: E eles quando assistem o jornal também falam com você sobre alguma coisa que eles viram na TV?

— Não, eles falam com os meus irmãos, mas eu escuto; então é praticamente para mim também.

(Guilherme, 12 anos)

Durante as entrevistas percebemos que as crianças quase não tiveram contato com o jornal impresso: algumas nunca sequer tocaram e outras tiveram contato mínimo na escola para a realização de atividades. Em trabalhos com crianças de classe média, o contato com esse veículo era maior, ainda que esse hábito de consumo esteja diminuindo nessas famílias (DORETTO, 2015). As crianças também não têm hábito de ler livros, muito menos na Internet: apenas Geórgia, 12, e Larissa, 10, leem e gostam de ler na Internet:

Pesquisadora: E você gosta de ler?

— Sim.

Pesquisadora: E o que você gosta de ler? Você lê alguma coisa na Internet?

— Leio.

Pesquisadora: Tipo o que por exemplo?

— As vezes eu leio um negócio da Mônica, de gibi, que eu não tenho; aí eu pesquiso na Internet e leio.

Pesquisadora: Procura na Internet e lê? E você gosta de ler livros?

— Sim.

(Larissa, 10 anos)

Pesquisadora: E você gosta de ler?
— Sim, eu leio bastante livro.
Pesquisadora: Lê bastante livro sobre o quê, por exemplo?
— Ah, eu gosto de ler livro de crianças, de youtubers, de canais de youtubers.
Pesquisadora: E você gosta de ler na Internet por exemplo?
— Sim, já baixei livro de leitura no meu celular.
(Geórgia, 12 anos)

Em relação às revistas, quatro crianças já as folhearam e gostaram de temas sobre moda, veículos automobilísticos e curiosidades. As famílias não as compram, e o contato costuma ser na escola ou em lugares públicos. Uma delas falou sobre a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva:

Pesquisadora: Já pegou uma revista e folheou?
— Já.
Pesquisadora: O que tinha na revista que chamou sua atenção?
— O presidente. Estava lá na revista que ele ia preso, o Lula, uma vez que foi nessas épocas que ele foi preso. Aí eu fiquei: “Como? Mas não podia ir preso”.
Pesquisadora: Por que você acha que ele não podia ir preso?
— Ah porque... Ele fez mal?
Pesquisadora: Não sei, você acha que ele fez?
— Não...
(Larissa, 10 anos)

Apenas três crianças disseram escutar rádio FM (Rádio Disney e Band FM foram estações citadas por elas). Além disso, segundo Guilherme, 12, a rádio toca música relaxante, mas também fala sobre notícias:

Pesquisadora: E você escuta rádio?
— Depende, eu gosto da rádio FM que passa música. Eu gosto do outro rádio, que é de notícias que estão acontecendo.
Pesquisadora: Por que você gosta de escutar rádio?
— Assim, se eu sair de carro, eu gosto de escutar rádio FM, por causa que tem música relaxante e é da hora.
(Guilherme, 12 anos)

Durante toda a pesquisa identificamos que os canais abertos são os mais vistos nos lares dos meninos e meninas entrevistados: Record, Globo e SBT são citados como canal 5, canal 7 e canal 4. Jornal Nacional (Globo), Jornal da Record, Jornal do SBT, SPTV 1ª e 2ª edição (Globo), Primeiro Impacto (SBT), Xerife do Consumidor (quadro do telejornal Balanço Geral, da Record) foram os telejornais citados pelas crianças que contribuíram para a nossa pesquisa. Esses programas, em geral, são vistos por conta dos hábitos familiares.

Outra característica encontrada é que o jornalismo sensacionalista, sangrento e

agressivo, está presente no cotidiano destas crianças, uma vez que algumas notícias que chamaram a atenção delas possuem características desse tipo de produto televisivo, assim como mostra o trabalho de Orofino, já citado.

Pesquisadora: Quando você está assistindo [a]o jornal tem alguma coisa que chama mais sua atenção?

— (Acenou que sim).

Pesquisadora: O quê?

— Quando o marido bate na mulher.

Pesquisadora: E isso te incomoda?

— (Acenou que sim).

Pesquisadora: Você pode me dar um exemplo de notícia que você viu no jornal que você se lembra?

— Assim, a mulher caída no chão e o homem, quando ela foi passar, o homem deu uma facada na barriga dela.

Pesquisadora: E você lembra qual foi o canal que você viu essa notícia?

— (Acenou que sim).

Pesquisadora: Qual que foi?

— Na Record.

(Larissa, 10 anos)

Pesquisadora: Então você gosta de ver isso?

— Aham, e também quando a polícia vai atrás dos bandidos, que é legal.

Pesquisadora: Ah é? E quando você vê a polícia indo atrás desses bandidos você costuma ver em qual canal?

— Na Record.

— Pesquisadora: Na Record? Você vê de tarde ou à noite?

— De noite, com o meu pai.

(Antônio, 12 anos)

Questionamos também se os meninos e meninas percebiam se nos jornais havia notícias que falavam com ou sobre crianças. As crianças lembraram sobre os meninos que ficaram presos juntos com o treinador em caverna na Tailândia por 17 dias, em junho de 2018, sobre o segurança que ateou fogo em uma creche, matou seis crianças e uma professora em Janaúba, Minas Gerais, em outubro de 2017, e sobre o caso da Vitória Gabrielly, de 12 anos, desaparecida e morta em Araçariguama, em junho de 2018. Ou seja, casos que envolvem crianças em situação de violência ou risco, que são frequentes na cobertura do tema da infância e adolescência (DORETTO, 2015), o que por vezes assusta as crianças, como vimos no trabalho de Delorme.

Pesquisadora: Por que você acha que é importante uma criança saber o que está acontecendo no mundo?

— Porque as crianças ficam alerta.

Pesquisadora: Alertas em relação ao quê?

— Porque tipo aquele que a Vitória sumiu e morreu.

Pesquisadora: Você viu essa notícia também?

— Vi.

Pesquisadora: Quando você viu essa notícia o que você sentiu?

— Eu senti para não ficar mais na rua porque antes eu ficava, agora eu não quero ficar mais na rua.
(Larissa, 10 anos).

Por fim, perguntamos às crianças do bairro Jardim Orion se elas já tinham visto ou lido alguma notícia sobre o bairro onde moram, e uma menina conseguiu apontar uma reportagem em que o bairro periférico foi mostrado nos telejornais. Ela falou sobre a greve dos caminhoneiros que aconteceu em maio de 2018, por todo o Brasil. No entanto, não ficou clara a ligação entre o bairro e as notícias, o que pode indicar que as crianças apenas relacionaram o evento jornalístico ao que ocorria também em sua região.

Pesquisadora: E você já viu alguma notícia sobre o seu bairro na televisão?
— Já.
Pesquisadora: Qual que você viu?
— Já vi a falta de gasolina e também... acho que só.
Pesquisadora: Essa da gasolina, o que você viu?
— Que ficou uma greve de gasolina.
(Larissa, 10 anos)

Quatro crianças entrevistadas se lembraram de uma mesma notícia, sobre uma escola estadual onde todas elas estudaram ou estudam, em que os fios elétricos foram roubados em fevereiro de 2017 e, por isso, não houve aula durante uma semana.

Pesquisadora: E você já viu alguma sobre o seu bairro na TV?
— Já.
Pesquisadora: Qual?
— É que... Foi até da minha escola, do [nome da escola]. Que teve um cara que roubou os fios.
Pesquisadora: É mesmo?
— (Acenou que sim).
Pesquisadora: E o que você viu sobre essa notícia na televisão?
— Aí falaram que tinha que ter um milhão de reais para conseguir energia de novo.
(Antônio, 12 anos)

Com exceção de Antônio, 12, todas as crianças entrevistadas gostam de morar no bairro. Entre as razões estão brincar com os amigos e na rua e a existência de parquinhos e do campo de futebol. No entanto, todas as crianças gostariam que notícias sobre o bairro onde moram aparecessem mais vezes nos telejornais. Os pequenos gostariam que houvesse mais notícias sobre crianças e que também existisse um jornal direcionado só para elas em todos os meios de comunicação ou principalmente na televisão. Segundo os pequenos, o interesse em assistir a notícias seria bem maior, uma vez que a maioria delas hoje falam sobre adultos. Para Antônio, 12, é importante as crianças se informarem sobre o que acontece no mundo — não apenas os mais velhos:

Pesquisadora: Por que você acha que as crianças precisam também se informar sobre as coisas que acontecem no Brasil e no mundo?

— Porque só os adultos é ruim, porque os adultos querem saber de tudo e as crianças não podem saber de nada, só eles.

Pesquisadora: Só eles? Então você acha que é importante as crianças saberem sobre o que acontece, é isso?

— (Acenou que sim).

(Antônio, 12 anos)

Pesquisadora: E você acha que, se tivesse esse jornal para crianças... o que você acha que deveria ter nesse jornal?

— Ah, tinha que ter desenhos, coisas de adolescente, essas coisas, porque as crianças não gostam de ver esses negócios de hoje em dia.

Pesquisadora: E quais são esses negócios de hoje em dia que você está falando?

— Que as pessoas estão matando as crianças, roubo, bastante roubo.

(Geórgia, 12 anos)

— [...] Poderia estar falando, mostrando apresentação, o que as crianças fizeram na escola, poderia falar também sobre a greve, em qual escola tem greve. Já aconteceu uma vez comigo, que eu fui para escola, só que não teve aula, e eu tive que voltar.

(Gabriela, 11 anos)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados apresentados por meio das seis entrevistas realizadas com meninos e meninas do bairro Jardim Orion, zona sul de São Paulo, podemos dizer que as crianças são “atores sociais” (SOARES, 2006) e que possuem autonomia para falarem sobre suas relações com as notícias jornalísticas na Internet e em outros meios de comunicação.

Entendemos que todas as crianças que participaram desta investigação têm consciência sobre o que é uma informação jornalística e sabem sobre a importância de se informarem, embora, muitas vezes, acreditem que os conteúdos jornalísticos sejam tristes, abordando mortes e outros assuntos considerados ruins por elas.

Identificamos também que o consumo de informações com caráter jornalístico não é feito primeiramente na Internet, o que mostra um cenário um pouco diferente do observado em estudos com crianças de classe média, cujo uso da rede para se informar é mais frequente, sobretudo entre as crianças de 11 e 12 anos.

Podemos perceber ainda que o jornalismo sensacionalista está presente da vida das crianças que moram na periferia de forma mais intensa do que nas classes mais altas, e isso tornou-se referência para elas no que diz respeito às notícias. Além disso, a televisão é o meio de comunicação mais usado por elas no que se refere ao consumo de notícias e é

nessa plataforma que assistem a esse tipo de jornalismo, sobretudo por conta da rotina familiar.

As crianças que nos ajudaram a realizar este trabalho também disseram que gostam de morar no bairro Jardim Orion, mas gostariam que houvesse mudanças e melhorias na área e que também houvesse mais notícias sobre sua região. Para elas, seria uma maneira de se informar melhor sobre o que está acontecendo. Elas gostariam também de ver mais notícias com crianças nos telejornais. Desse modo, é possível concluirmos que os entrevistados não se sentem representados no jornalismo, como crianças ou como moradores de um bairro periféricos.

Assim, como falamos anteriormente, a mídia e a sociedade propagam o discurso que as crianças são ingênuas e vulneráveis em relação ao noticiário, mas, diante da coleta de dados, percebemos que os meninos e meninas ouvidos neste trabalho são bastante conscientes em relação ao jornalismo realizado no Brasil. Por fim, ainda que as crianças entrevistadas convivam com a Internet desde o seu nascimento, elas não são crianças superdotadas ou diferentes, como Prensky (2001) acredita que elas sejam: embora elas acessem à Internet frequentemente, elas ainda preferem brincar na rua a acessar à Internet no celular:

Pesquisadora: Do que você mais gosta de brincar?

— Pega-pega.

Pesquisadora: Pega-pega? E você gosta mais de brincar ou mexer no celular?

— Brincar.

(Larissa, 10 anos)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais”. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 68-80, jan-jul. 2005.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

CARVALHO, Ana M. A.; BERALDO, Katharina E. A.; PEDROSA, Maria I.; COELHO,

Maria T. “O uso de entrevistas com crianças”. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 291-300, mai./ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a15.pdf>>. Acesso em: 10 Dez. 2017.

CETIC.BR. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil** [livro eletrônico]: TIC Kids online Brasil 2015. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf>. Acesso em 4 Set. 2018.

DELORME, Inês. **Domingo é dia de felicidade: As crianças e as notícias**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DORETTO, Juliana. **Fala conosco!:** o jornalismo infantil e a participação das crianças, em Portugal e no Brasil. Tese (Doutorado). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

DUARTE, Jorge. “Entrevista em profundidade”. In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (Orgs.). **Metódos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

FISCHBERG, Josy. **Criança e jornalismo:** um estudo sobre as relações entre crianças e mídia impressa especializada infantil. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

OROFINO, Isabel. “Crianças, televisão, cotidianidade: reflexões sobre a qualidade da programação de TV aberta no Brasil”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO, **Anais...**, São Paulo, 2013.

PRENSKY, Mark. “Nativos digitais, inmigrantes digitais”. **Cuadernos SEK 2.0**, Madrid, v. 5, n. 11, p. 5-20, 2001.

SOARES, Natália Fernandes. A investigação participativa no grupo social da infância. **Currículo sem Fronteiras**, Portugal, n. 1, p. 25-40, jan-jun. 2006.